

A MULTIPLICIDADE EM “UM LUGAR AO SOL”, DE ERICO VERISSIMO

THE MULTIPLICITY IN UM LUGAR AO SOL, OF ERICO VERISSIMO

Mariana Mansano **CASONI**¹

Resumo: Analisar as múltiplas vozes presentes em *Um lugar ao sol*, de Erico Verissimo torna-se fundamental para a compreensão tanto da estética, quanto do discurso da obra brasileira. A partir delas, é possível compreender seu contexto histórico, bem como discussões intrínsecas ao homem. Este estudo se pauta em conceitos importantes fornecidos por Mikhail Bakhtin e Umberto Eco que iluminam o caminho de uma análise. Portanto, pode-se observar a literatura em discussão por meio das vozes das personagens, bem como refletir sobre a importância da literatura.

Palavras-chave: *Um lugar ao sol*. Erico Verissimo. Múltiplas vozes. Literatura brasileira. Discussão da literatura.

Abstract: Analyze the multiple voices present in *Um lugar ao Sol*, of Erico Verissimo becomes key to understanding both the aesthetic as the discourse of Brazilian work. From them, it's possible to understand the historical context, as well as discussions intrinsic to man. This study is guided on important concepts provided by Mikhail Bakhtin and Umberto Eco that guides the way of analysis. Therefore, it can be observed in the literature thread through the voices of characters and reflect the importance of literature.

Keywords: *Um lugar ao Sol*. Erico Verissimo. Multiple voices. Brazilian literature. Literature discussion.

Introdução

De acordo com Mikhail Bakhtin em *Questões de literatura e estética* (1990) o romance apresenta múltiplas vozes: “O romance, tomado como um conjunto, caracteriza-se como um fenômeno pluriestilístico, plurilíngue e plurivocal” (BAKHTIN, 1990, p.73), visto que cada personagem apresenta um discurso com características próprias, desta forma o romance, uma espécie de teia, insere múltiplas e variadas vozes. Este é um aspecto importante do romance, pois é assim que o estilo do romance se apresenta.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras, linha de pesquisa Literatura Comparada e Estudos Culturais, pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Assis. Professora efetiva do Estado de São Paulo nas áreas de língua portuguesa e literatura brasileira no ensino fundamental e médio. Endereço eletrônico: mari_casoni@hotmail.com.

Esta multiplicidade de vozes ocorre nas obras *Caminhos cruzados* (1935) e *Um lugar ao sol* (1936), ambas de Erico Verissimo. Nestas obras, podemos observar a diferença das personagens por meio de seus pensamentos, ações e linguagem (expressões) utilizadas. A estratificação dos romances ocorre em vários níveis: nível da linguagem, características próprias de cada personagem e nível social. A narrativa das obras é realizada em terceira pessoa pelo narrador onisciente e as vozes das personagens são intercaladas por meio do discurso direto.

Percebe-se que, nestas duas obras de Verissimo, há uma discussão sobre questões intrínsecas ao homem. E ele o faz de maneira ampla, a começar pelas características das personagens e seu meio social. Ambos os romances têm como cenário Porto Alegre, a narrativa é feita em terceira pessoa e não apresenta uma personagem principal, visto que várias histórias são narradas e se intercalam, assim como seus diferentes núcleos sociais evidenciando o contraste entre riqueza e pobreza.

Após uma leitura atenta, o leitor pode observar que a narrativa de *Caminhos cruzados* se prolonga em *Um lugar ao sol*, já que algumas personagens são retomadas e desenvolvidas com maior profundidade nesta última. As personagens retomadas em *Um lugar ao sol* são Noel e Fernanda, casal importante para a reflexão de aspectos inerentes ao homem, como a fragilidade da vida, ambições e desejos.

Em *Caminhos cruzados* os capítulos são divididos em dias da semana; a narrativa tem início no domingo e término na quarta-feira e mostra o que cada personagem fez naquele dia. Desta forma, o leitor tem uma visão geral de todas as personagens. O narrador onisciente expõe ao leitor os vícios, os desejos e as dificuldades de cada personagem.

São narradas as histórias de personagens com poder aquisitivo maior como Virgínia, seu marido Honorato e seu filho Noel; Dona Dodó e seu marido Teotônio Leitão Leiria; a família de Cel. Zé Maria, sua esposa Maria Luísa e seus filhos Chinita e Manuel que vieram da pobreza e graças à loteria tornaram-se ricos e, por fim, as personagens que têm menor poder aquisitivo como D. Eudóxia e seus filhos Fernanda e Pedrinho; Maximiliano, sua esposa e seus dois filhos; o professor Clarimundo e, finalmente, João Benévolo, sua esposa Laurentina e seu filho Napoleão. Ao longo da narrativa, observa-se o dia-a-dia das personagens e como elas fazem para enfrentar as dificuldades impostas pela vida. É interessante observar que a maioria delas, mesmo tendo uma situação econômica confortável, não está satisfeita com a vida que tem. Um exemplo de insatisfação é a personagem Virgínia que tem uma condição financeira confortável, mas que não sente outra coisa senão solidão, mesmo não estando só fisicamente.

Solidão na sala de jantar, uma solidão tão grande que para Virgínia ela chega a se transformar numa sensação de frio. As mesmas coisas, as mesmas paredes, os

mesmos cheiros. Todos estes móveis, estes objetos estão ligados a duas figuras familiares: Honorato e Noel, o marido e o filho – tudo isto para Virgínia faz parte de um conjunto aborrecível e quase odioso. (VERISSIMO, 1993, p.54)

Solidão esta que revela claramente a falta de afeto pelo marido e filho e, que, por mais que sofra não reage. No entanto, a solidão não é sua única companheira, a futilidade, o medo de envelhecer e o vazio da alma a acompanham também e a faz querer outra vida.

Portanto, o tema que se apresenta como pano fundo é a vida com todas as suas dificuldades, frustrações e ambições. Assim, em *Caminhos cruzados* são apresentados fatos corriqueiros, por exemplo, Clarimundo que todos os dias acorda pontualmente às cinco e meia da manhã para começar sua longa jornada de trabalho. “Clarimundo ajusta os óculos e, religiosamente, como tem feito todas as manhãs de sua vida, vai ao calendário arrancar a folhinha” (VERISSIMO, 1993, p. 4). Não obstante, a obra não consiste somente em narrar fatos cotidianos, mas junto destes fatos apresentar como cada uma das personagens reage às imposições da vida e a maneira que o autor faz isto revela as características desta obra literária.

Já em *Um lugar ao sol*, a narrativa é dividida em quatro partes, sem capítulos nomeados. Nesta obra é possível observar uma profundidade maior em relação às personagens, bem como às reflexões geradas por elas. Como dito anteriormente, as personagens Noel e Fernanda são retomadas, eles, agora casados, enfrentam as dificuldades da vida juntos. Assim como em *Caminhos Cruzados*, em *Um lugar ao sol* há núcleos sociais, no entanto, diferentemente do que ocorre na primeira obra, os núcleos sociais abastados quase desaparecem, exceto quando há presença de festas e bailes. As personagens principais que compõem estes núcleos são: Dona Clemência, sua filha Clarissa e seu sobrinho Vasco; Fernanda, seu esposo Noel, sua mãe D. Eudóxia e seu irmão Pedrinho; Magnólia, seu esposo Orozimbo e sua filha Luciana; Amaro, Conde austríaco Oskar e o médico Dr. Seixas. As histórias destas personagens são reveladas a partir do encontro entre elas.

Assim, tanto em *Caminhos cruzados* quanto em *Um lugar ao sol* a luta humana está presente, seja ela interna ou externa. Apesar de serem obras que apresentam alguns temas em comum, no presente artigo *Um lugar ao sol* será o sujeito das discussões estabelecidas.

Leitor: peça fundamental

Uma leitura superficial pode esconder algumas reflexões importantes que ocorrem na obra, visto que a princípio o leitor pode se deter somente em um aspecto evidente, como por exemplo, as dificuldades financeiras pelas quais todas as personagens enfrentam, e que seria o estopim para certas reflexões que permeiam todo o romance, mas que não representam todas as discussões

abordadas. Portanto, somente uma compreensão mais profunda permitiria ao leitor entrar em contato com outros aspectos da obra.

Desta maneira, a compreensão ativa do discurso feita pelo leitor é de extrema importância para que se traga algo de novo para a compreensão do discurso e se estabeleça novos sentidos para ele. Sobre este aspecto Mikhail Bakhtin, em *Questões de literatura e de estética*, afirma que uma “compreensão passiva” do discurso não é de fato uma compreensão efetiva, uma vez que não é assimilado e muito menos ultrapassa os limites do contexto. Para ele, a “compreensão ativa”, ou seja, aquela que não é somente uma reprodução do discurso, está diretamente ligada à resposta que se dá ao discurso interiorizado e compreendido pelo leitor.

Bakhtin ao refletir a importância de uma compreensão efetiva do discurso reafirma a importância do leitor, sobretudo um leitor ativo e atento. E acrescenta que, na tessitura do discurso uma resposta já é esperada: “Todas as formas retóricas e monológicas, por sua construção composicional, estão ajustadas no ouvinte e na sua resposta” (BAKHTIN, 1990, p.89). Assim, cabe ao leitor dar as respostas a este discurso e, conseqüentemente, dialogar com ele. Este diálogo é efetivado somente por meio da compreensão do texto.

Sobre este diálogo estabelecido entre discurso e leitor, Umberto Eco em *Obra aberta* (1968) também aborda a questão ao refletir sobre a obra aberta, um tema tão caro a ele e que possibilita muitas discussões. Para o autor italiano, uma obra aberta não é necessariamente uma obra sem delimitações ou que apresente total autonomia ao seu intérprete. Para ilustrar sua teoria ele exemplifica com algumas obras, como o poema *Art Poétique*, de Verlaine, no qual o intérprete tem a liberdade de usar sua criatividade e suas emoções a fim de completar o sentido da obra. No entanto, esta ação só é possível por meio da própria obra, visto que ela apresenta indicações ao leitor, ou seja, uma espécie de caminho pelo qual o leitor deve percorrer. Estas indicações podem ser, por exemplo, palavras que estimulam o mundo interior do intérprete para que, desta maneira, ele encontre respostas para a compreensão do discurso.

Ainda para Eco, uma obra mesmo que inicialmente não tenha sido criada para ser “aberta”, que foi produzida e acabada em si, pode ser considerada aberta visto que

No ato de reação à teia dos estímulos e de compreensão de suas relações, cada fruidor traz uma situação existencial concreta, uma sensibilidade particularmente condicionada, uma determinada cultura, gostos, tendências, preconceitos pessoais, de modo que a compreensão da forma originária se verifica segundo uma perspectiva individual. (ECO, 1968, p.40)

Assim, segundo o autor italiano não é necessário que uma obra apresente um “inacabamento” proposital para ser considerada aberta, visto que cada leitor trará à leitura suas vivências e suas experiências individuais, bem como sua visão de mundo. Portanto, uma mesma

obra poderá apresentar diversas interpretações, mesmo que feita pelo mesmo leitor, já que uma leitura nunca é igual a outra. A cada leitura percebem-se elementos novos e aspectos que antes eram obscuros passam a ser iluminados a partir do trajeto da leitura.

A partir das leituras de Mikhail Bakhtin e de Umberto Eco fica claro que cada discurso apresenta tanto lacunas a serem preenchidas pelo leitor atento, quanto sinais para seu intérprete: seu modo próprio de ser lido. Além disso, o leitor atento é posto em evidência como peça fundamental para a compreensão do discurso e, somente por meio de uma leitura ativa o leitor torna-se capaz de fornecer respostas e trazer algo de novo para o discurso, algo que vai além do limite de seu contexto. Esta resposta seria, então, a concretização do diálogo estabelecido entre discurso e leitor, tão importante para a compreensão, já que como afirma Bakhtin é impossível uma compreensão sem uma resposta.

Literatura: percepção do mundo

Todas estas questões abordadas, tanto das múltiplas vozes presentes no discurso, quanto da obra aberta, são encontradas em *Um lugar ao sol*, de Erico Verissimo. Ao longo do romance, podem-se observar as inúmeras vozes que o permeiam e que são um dos elementos formadores da estética da obra. Para Bakhtin,

O romance é uma diversidade social de linguagens organizadas artisticamente, às vezes de línguas e de vozes individuais. A estratificação interna de uma língua nacional única em dialetos sociais, maneirismos de grupos, jargões profissionais, linguagens de gêneros, fala das gerações, das idades, das tendências, [...] enfim, toda estratificação interna de cada língua em cada momento dado de sua existência histórica constitui premissa indispensável do gênero romanesco. (BAKHTIN, 1990, p.74)

Desta maneira, as múltiplas vozes que são encontradas em um romance, como no de Erico Verissimo, fazem parte da estilística do romance. Esta multiplicidade, portanto, além de compor estilisticamente a obra, traz ao romance do autor brasileiro instrumentos importantes para algumas discussões. Antes, porém, de adentrar a discussões estabelecidas por meio das vozes das personagens se faz necessário abordar a questão do discurso.

Sabe-se que, a obra *Um lugar ao sol* foi publicada em 1936, ou seja, em uma década de intensa atividade política no Brasil, principalmente com a Revolução de 1930, que culminou na tomada de poder pelo governador do Rio Grande do Sul, Getúlio Vargas. Este período teve basicamente duas fases: a primeira conhecida como Governo Provisório (1930-1934), que se caracterizou pelo confronto político entre as oligarquias dissidentes e tenentes, bem como pela dissolução da Constituinte de 1891, sendo que o presidente teria o direito de exercer os poderes Legislativo e

Executivo até a organização de uma nova Constituinte. Já a segunda fase do governo Vargas (Governo Constitucional: 1934-1937) foi marcada pelo aparecimento de duas forças ideológicas: a Aliança Nacional Libertadora (ANL), de tendências de esquerda, e a Ação Integralista Brasileira, de caráter fascista. As primeiras manifestações desses novos grupos geraram repressão policial e um novo diploma legal, A “Lei de Segurança Nacional”, que fortalecia os poderes do presidente. Após o fechamento da ANL e da repressão ao levante comunista, em novembro de 1935, o Congresso aprova o decreto do estado de sítio, que foi prorrogado até meados de 1937. Com isso, houve um reforço do autoritarismo que culminou no golpe de 1937.

É neste cenário político brasileiro que a obra de Erico Verissimo é concebida e publicada. Portanto, em um momento conturbado e de grandes mudanças sociais, o autor, sensível a estas transformações, é capaz de transformá-las e inseri-las de modo único em seu discurso. Logo, este momento da história brasileira reflete em sua obra. Sobre esta questão, Bakhtin afirma que

O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante de um diálogo social. (BAKHTIN, 1990, p.86)

E este diálogo social ocorre ao longo de todo o percurso discursivo. Logo no início da narrativa este diálogo já está presente em alguns elementos que ali se encontram como o clima de tensão e angústia predominantes na cena de velório de João de Deus, sua morte na véspera de ano novo é resultado de um homicídio que será depois explicado, assim é neste tom sombrio e sufocante que o leitor é inserido. João de Deus era ligado à política, por isso seu inimigo, o prefeito, manda um capanga tirar-lhe a vida:

O grupo aumentava aos poucos. Chegavam automóveis. Curiosos e excitados acotovelavam-se, quase se agrediam, suados. Formavam-se discussões. O nome do prefeito ligado ao de João de Deus e ao capanga Zé Cabeludo andava de boca em boca em gritos ou murmúrios. O capanga era conhecido e temido, tinha várias mortes nas costas. [...] Tumulto. Aparecerem guardas-municipais de espadas desembainhadas. O grupo se dispersou. [...] Alheio a tudo, Vasco contemplava o morto. João de Deus caído na sarjeta como um cachorro sem dono... (VERISSIMO, 1978, p.16-17)

Ao longo do romance, mais cenas de violência serão encontradas, sejam elas explícitas, com os assassinatos, sejam implícitas, por meio da revolta instaurada pela dificuldade de inserir-se naquela sociedade. Estas questões, faziam parte daquela nova sociedade que estava surgindo na década de 1930, no Brasil. Sabe-se que neste período muitas mudanças ocorreram principalmente no âmbito social, com a nova classe em ascensão: a burguesia. Como afirma Miceli,

As décadas de 1920, 1930 e 1940 assinalam transformações decisivas nos planos econômico (crise do setor agrícola voltado para a exportação, aceleração dos processos de industrialização e urbanização [...]), social (consolidação da classe operária e da fração de empresários industriais [...]), político (revolta militares, declínio político da oligarquia agrária [...]) e cultural (criação de novos cursos superiores). (MICELE, 2015, p.77)

Desta maneira, a população ainda estava se adaptando a tantas mudanças ou lutando por elas. Esta agitação social também é sentida na obra de Verissimo:

Na varanda Fernanda lia o jornal da tarde. – Viste a notícia da greve nos Navegantes? Fernanda ergueu os olhos. – Vi. Quem é esse Gervásio Veiga que a polícia anda procurando? – Um estudante de Medicina. Um maluco. [...] – Andou fazendo discursos, distribuindo boletins, incitando os operários a uma greve. (VERISSIMO, 1978, p.169-170)

Nesta época as greves eram coibidas fortemente, pois havia o medo de golpe. Assim, por meio destes excertos da obra do autor brasileiro, pode-se observar o diálogo estabelecido entre seu discurso e a sociedade. Sabendo, portanto, da existência deste diálogo entre o objeto de enunciação e a sociedade no qual ele está inserido, é importante verificar outro tipo de diálogo que se estabelece interiormente no discurso: a presença das vozes.

A presença das vozes das personagens, no romance de Verissimo, como afirma Bakhtin, revela o estilo do romance, visto que “O romance é uma diversidade social de linguagens organizadas artisticamente, às vezes de línguas e de vozes individuais” (BAKHTIN, 1990, p.74). Na obra do autor de *Um lugar ao sol*, estas vozes ressoam tanto por meio do narrador onisciente, que faz uso do discurso indireto, quanto pelo discurso direto. Por estas vozes, é possível observar o grau de instrução de cada uma das personagens, bem como suas reflexões.

As personagens que mais se destacam na narrativa são Fernanda, Noel, Vasco e Oskar. Fernanda é professora e tem uma vida bem modesta com sua mãe e seu irmão. Seu pai é assassinado, por questões políticas, com sua morte a situação financeira só se agrava. Noel tem uma boa situação econômica, no entanto, seus laços afetivos com seus pais se restringem a cumprimentos. Noel e Fernanda se conhecem desde a infância, com o passar do tempo ambos percebem nascer uma paixão e se casam. Apesar de Noel ser de família rica, ele começa a trabalhar como redator em um jornal e vai morar na casa de Fernanda.

Vasco é bem peculiar, pois apesar de sua agressividade e violência internas ele reflete muito sobre a vida e faz vários questionamentos. Com a morte de seu tio, ele, sua prima e sua tia são obrigados a mudarem-se do interior do Rio Grande do Sul para Porto Alegre. Sem emprego por longos meses ele se vê em várias situações dramáticas. Já Oskar, um austríaco radicado no Brasil é a figura que dialoga diretamente com Vasco, Oskar também é peça importante na construção da

narrativa, pois representa o que se tem de mais fino e culto, evidenciando um grande contraste com a brutalidade de Vasco.

Todas estas personagens citadas, apesar de possuírem características diferentes em um aspecto se assemelham: todas elas são leitoras, a literatura está presente em suas vidas. Deste modo, é possível analisar não só aspectos externos, isto é, como elas se relacionam e quais características apresentam, mas também suas visões de mundo, suas percepções e reflexões.

A figura mais forte e decidida do romance é Fernanda, é ela a responsável por trazer Noel à realidade, por mais dura que seja. Noel em sua infância teve muito contato com contos de fadas lidos pela criada da casa, este gênero literário, no entanto, lhe embriagava de tal modo que passou a repelir completamente a realidade. Noel preferia mergulhar a fantasia à realidade:

Lia de preferência novelas de autores ingleses que amavam as janelas abertas, os *week-ends* à beira do mar, os *cottages* entre árvores e o banho diário. Nunca encontrava nos seus romances prediletos (por isso eram eles prediletos) um operário sujo que passa fome, uma mulher desgraçada, um homem inválido uma criança abandonada. (VERISSIMO, 1978, p.230)

Preferia desfrutar de leituras agradáveis àquelas que lhe forçavam o contato direto com a realidade. Apesar de ainda apreciar romances palatáveis, após o casamento com Fernanda ele toma consciência de que os contos de fada eram seu “veneno”: “Os contos de fadas com que lhe tinham envenenado (agora ele podia usar o termo envenenado) a infância, tinham uma moral” (VERISSIMO, 1978, p.228). Os contos o envenenaram à medida em que se fechava em seu mundo “perfeito”, em que não brincava com outras crianças à medida em que nutria uma ideia de mundo inexistente.

A discussão, portanto, da literatura e sua “função” é bem explorada. Para o conde austríaco Oskar, os romances não revelam a realidade como ela é:

Os homens que nasciam e que, à medida que cresciam, iam lendo livros e vendo quadros começavam a tér da vida uma vision deformada. E quando faziam face à realidade, sofriam um traumatismo moral. Non encontravam a vida de que lhes falavam os pintóres, os poetas, os escultóres e os romancistas. Compreende? Céu sempre azul, heróis de fábula, paisagens bonitas, corpos perfeitos, paraísos, etc ... etc... (VERISSIMO, 1978, p.324)

Já para Fernanda: “quando se procura um livro não é para fugir à vida, mas sim para viver ainda mais; viver a vida de outras personagens, em outras terras, outros tempos. Ainda é o desejo de viver que nos leva para os romances” (VERISSIMO, 1978, p.342). Assim, nota-se, portanto, que as personagens dialogam constantemente com a literatura, bem como com sua “função” em reflexões sobre, se ela contribuiria ou não para a formação do ser humano. Nestas discussões o leitor pode ficar do “lado” de quem ele desejar, já que não há uma resposta única para estas

questões, este também não é objetivo da obra, mas sim fornecer discussões. É neste momento, então, que o leitor ativo contribui com sua resposta, é ele quem vai continuar com estas questões.

Além das discussões sobre literatura, outro aspecto importante que se faz presente na obra de Verissimo é a luta tanto interna quanto externa ao homem. Esta luta é observada em vários personagens, como por exemplo, Vasco, um jovem que se muda para a capital do Rio Grande do Sul e que passa longos meses sem encontrar um emprego, neste período ele é sustentado por sua prima. Esta situação lhe causa extremo constrangimento, desta maneira, sua luta diária consiste em procurar um emprego e ainda lidar com sua autoestima. Seus impulsos agressivos, bem como seus fantasmas que o acompanham por toda parte: “Num instante mágico Vasco ouviu vozes perdidas, viu fantasmas dos ausentes. Era como se eles o acompanhassem rua abaixo, como se fizessem parte também da fúria” (VERISSIMO, 1978, p.410).

Outra personagem que também apresenta suas batalhas internas é Noel, como já mencionado, ele foi criado ouvindo histórias de contos de fadas, com a leitura destes contos ele podia facilmente evadir-se da realidade a fim de isolar-se do mundo, bem como de seus conflitos internos. Assim, a partir destas leituras, Noel cria um mundo paralelo à realidade e isola-se do mundo para não ter contato com a miséria humana, e para não sofrer nem se decepcionar. Porém, ele se casa com Fernanda, jovem decidida, que enxerga o mundo sob outra perspectiva, mas que não possui uma vida econômica confortável, conseqüentemente ele é obrigado a encarar um mundo totalmente diferente do que ele havia criado.

A partir do momento em que Noel vê a realidade sem os véus da imaginação sente uma inadequação a ela. Aos poucos, no entanto, Fernanda tenta trazê-lo à realidade por meio da escrita de um livro, ela insiste para que ele escreva um romance, não de fantasia, mas que revele a tão temida realidade, para que assim ele se reconcilie com o mundo: “Fernanda tinha esperança no romance: era o primeiro passo de Noel para se reconciliar com a vida” (VERISSIMO, 1978, p.385). A escrita do livro, então, poderia trazê-lo para a realidade e ao mesmo tempo proporcionar o contato consigo mesmo, com seus medos.

No entanto, seus conflitos ainda estavam instaurados:

E tinha momentos de dúvida e de quase revolta. Por que não ficar no seu mundo? Por que não ter essa coragem? Que o deixassem em paz! A vida era incongruente. Tinha elementos de beleza mas não era bela. Ele se negava a aceitá-la. (VERISSIMO, 1978, p.231)

O medo da vida também é constantemente revelado: “Um dia Noel ergueu-se da máquina, desolado. Encontrava-se tão desorientado quanto seu herói. Estavam ambos sem rumo, ambos com medo da vida” (VERISSIMO, 1978, p. 339). Noel não é o único a ter este sentimento, Oskar,

que apesar de aparentar toda força intelectual e ser dono de si, também tem medo da vida. Nos últimos capítulos da narrativa, ele se mostra frágil, tenta tirar sua própria vida e, ao ser perguntado sobre o ocorrido ele responde: “ – O que aconteceu não tem a menor significação... Foi um desses momentos perigosos... De repente senti um vazio... um vazio cinzento, compreende? Vontade de dormir muito, muito... *Voilà!* ” (VERISSIMO, 1978, p.392).

Com isto, pode-se notar que mesmo lutando contra os conflitos existentes, o medo sempre surge, principalmente, o medo da vida. De uma maneira geral, todas as personagens revelam em algum momento seus medos, bem como a dificuldade de enfrentar os desafios impostos pela vida. No entanto, a literatura é o elemento comum a todas elas capaz de tornar este enfrentamento, seja da realidade, sejam dos medos e das fragilidades, um pouco mais fácil. É por meio dela que se pode identificar os moinhos e os gigantes:

– Olhe, Conde, vou lhe mandar o *Don Quixote*. Talvez lhe sirva agora... O rosto do Conde ficou sombrio por um instante. Mas depois se desanuviou. –Eu não confundi moinhos com gigantes, meu jovem amigo... Vi sempre que eram moinhos... Mas investi... Oh! A gente cansa às vezes de ser expéctador. Precisa ser atór também. (VERISSIMO, 1978, p.392)

No excerto acima, observa-se a atitude do Conde, a partir de suas reflexões internas e de seus conflitos ele decide agir, mesmo sabendo que está equivocado. O mais importante para ele é de fato atuar no espetáculo de sua própria vida, ainda que não tenha êxito.

Considerações finais

A partir da leitura da obra *Um lugar ao sol*, constata-se que uma leitura rasa, sem um leitor ativo, como define Bakhtin, pode-se delimitar somente no âmbito social e econômico das personagens, o que não deixaria de ser importante, mas que esconde outros temas abordados que estão como pano de fundo na obra. Uma visão mais “profunda” da obra depende de uma compreensão ativa e, conseqüentemente, de um leitor atento a estas discussões. Assim, observa-se que alguns questionamentos que se encontram no cerne da obra estão ligados aos desejos, aos medos e, sobretudo, às lutas humanas, sejam elas internas ou externas. A discussão da literatura também está diretamente ligada a estas questões, uma vez que proporcionam inúmeras visões a respeito do mundo, desta maneira, a literatura contribui para estes impasses, seja tornando-os ainda mais conflituosos, seja iluminando os caminhos.

Uma das possíveis respostas após uma leitura ativa seria a de que a literatura é capaz de apresentar novas perspectivas, novos olhares em relação ao mundo e a cada um internamente. Ela ainda é capaz de fazer pensar, de fazer refletir sobre inúmeros aspectos da vida humana e, é isto

que a obra de Verissimo faz, a partir das vozes das personagens, bem como a do narrador. Questões sobre fracasso, autoestima, amor, desilusão, sonhos, entre outras, fazem com que o leitor divague e reflita profundamente. Tudo isto sob uma estética própria, dialogando com o leitor de uma maneira próxima e familiar.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética (A teoria do romance)*. São Paulo: Editora Hucitec, 1990.
- ECO, Umberto. *Obra aberta*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1968.
- MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- FAUSTO, Boris. *A revolução de 1930: historiografia e história*. São Paulo: Brasiliense, 1975.
- VERISSIMO, Erico. *Um lugar ao sol*. Porto Alegre: Editora Globo, 1978.
- _____. *Caminhos Cruzados*. Porto Alegre: Editora Globo, 1993.

Chegou em: 30-03-2016

Aceito em: 26-04-2016